



A REPRESENTAÇÃO DO CABELO CACHEADO: ASPECTOS INTERDISCURSIVOS EM RÓTULOS DE PRODUTOS CAPILARES

Alessandra Folha Mós Landim¹

DOI 10.26512/discursos.v3i2.2018/20814

Data de submissão: 20 de julho de 2018
Data de aceite: 10 de novembro de 2018

Resumo: Este artigo tem como objeto de análise dois rótulos de produtos capilares que constroem, discursivamente, a representação do cabelo cacheado. De um lado, o produto OX – Cachos Controlados possui um rótulo habitual do ponto de vista de um produto para cabelos e, de outro, o produto Novex – Meus Cachos de Cinema tem um rótulo lúdico que articula noções do discurso cinematográfico na sua construção discursiva. Ancorado nas questões de interdiscursividade e de escolhas lexicais, este artigo se desenvolve visando a apontar para o resgate da memória de um discurso sobre padrões de beleza que são refutados e/ou estabelecem uma relação de coexistência com os ideais dos rótulos. Elementos interdiscursivos como esses e relações estabelecidas com o discurso cinematográfico são apontados neste trabalho, principalmente no que tange às escolhas lexicais dos rótulos para a designação dos cabelos cacheados.

Palavras-chave: Interdiscursividade. Padrões de beleza. Cabelos cacheados. Rótulos de produtos.

Abstract: This article aims to analyze two labels of hair products that discursively construct the representation of curly hair. On one hand, the product *OX – Cachos Controlados* has an ordinary label and, on the other one, the product *Novex – Meus Cachos de Cinema* has a ludic label that articulates notions of the cinematographic discourse in its discursive construction. Anchored in the interdiscursivity and lexical choices, this article is written in the sense of pointing to the memory of a discourse about patterns of beauty that are refuted and / or establish a relationship of coexistence with the label's ideals. Interdiscursive elements such as these as well as relations established with the cinematographic discourse are pointed out in this paper, mainly in what concerns to the lexical choices of the labels for the designation of curly hair.

Keywords: Interdiscursivity. Patterns of beauty. Curly hair. Labels.

Resumen: Este artículo tiene como objeto de análisis dos etiquetas de productos capilares que construyen discursivamente la representación del cabello rizado. Por un lado, el producto *OX – Cachos Controlados* tiene una etiqueta habitual desde el punto de vista de un producto para el cabello, y de otro, el producto *Novex – Meus Cachos de Cinema* tiene un rótulo lúdico que articula nociones del discurso cinematográfico en su construcción discursiva. El artículo se desarrolla en el sentido de apuntar para el rescate de la memoria de un discurso sobre patrones de belleza que son refutados y / o establecen una relación de coexistencia con los ideales de las etiquetas, anclado en las cuestiones de interdiscursividad y elecciones léxicas. Los elementos interdiscursivos como estos, así como las relaciones establecidas con el discurso cinematográfico se señalan en este trabajo, principalmente en lo que se refiere a las elecciones lexicales de las etiquetas para la designación de los cabellos rizados.

Palabras clave: Interdiscursividad. Patrones de belleza. Pelo rizado. Etiquetas de productos.

¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestra em Letras: Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Ouro Preto. Desenvolve pesquisas acadêmicas em análise do discurso de linha francesa e crítica.

Considerações iniciais

O trabalho que aqui apresentamos nasce de uma inquietação sobre rótulos de produtos capilares, em um esforço de chamar a atenção, não somente de nosso leitor, mas da área acadêmica em geral para questões interdiscursivas constitutivas de discursos sobre cabelos cacheados. Procuraremos apresentar aqui, por meio de um recorte epistemológico ancorado na Análise de Discurso Crítica (ADC), algumas representações de cabelos cacheados e alguns questionamentos que vieram à tona por intermédio de nossas reflexões.

É preciso, no entanto, ressaltar que nossas intenções são iniciais e que não pretendemos esgotar as possibilidades analíticas, por isso, focalizamos nossos esforços em chamar a atenção para a categoria da interdiscursividade que se faz presente no objeto proposto para análise. Observamos, no entanto, que há possibilidades de aplicação de diversas categorias analíticas, que propomos para pesquisas futuras na seção de Considerações Finais. Dessa forma, questões embasadas em aspectos de genericidade discursiva e de elementos semióticos, por exemplo, são apontadas, mas não essencialmente analisadas. Os elementos interdiscursivos, no entanto, são demonstrados por meio da possível recuperação de padrões de beleza e de elementos do discurso cinematográfico. Para isso, apontamos, entre outras questões pontuais, para escolhas lexicais que conduzem o leitor (e também o público-alvo dos produtos) dos rótulos à articulação dessas noções ao entrarem em contato com a construção discursiva delas.

A análise que pretendemos levar a cabo tem, como objeto principal, dois rótulos de produtos capilares que constroem, discursivamente, a representação do cacheado em duas frentes bastante distintas. Se, por um lado, o produto Novex – Meus Cachos de Cinema tem um rótulo bastante lúdico e interdiscursivo, por outro, o produto OX – Cachos Controlados retrata o cabelo cacheado de forma bem mais austera, limitante, talvez. Para além das questões epistemológicas em ADC, trataremos de um assunto bastante comentado, principalmente, nos tempos atuais, com o advento das lutas feministas, dos movimentos contra o preconceito, bem como da atenção dada a temas humanos como este, especialmente, com a presença de redes sociais e da internet, que ampliam essas discussões a um público cada vez mais tecnológico. Acreditamos também que os discursos se constroem em relação uns com os outros, bem como em relação com noções memoriais, ideológicas, de relações de poder. Por isso, recuperar a ideia de que cabelos lisos foram e são padrão de beleza ajuda a compreender o motivo pelo qual esses rótulos de produto são construídos discursivamente do modo como são.

Para analisar esses rótulos, partimos da premissa de que as representações dos cabelos encontradas nesses produtos são essencialmente construídas no discurso por intermédio do possível resgate de uma memória coletiva que tem, ou tinha, como paradigma de beleza, o cabelo liso. Assim, construir um discurso sobre o cabelo cacheado retoma esse paradigma, resignificando-o. É possível que essa resignificação do cabelo cacheado esteja, de fato, ligada, como propomos aqui, não à memória “no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social, inscrita em práticas, e da memória construída do historiador” (PÊCHEUX, 1999, p. 5).

Assim, é possível que a construção discursiva desses rótulos esteja resgatando determinados padrões de beleza, ainda que não explicitamente, para, em alguma extensão, refutá-los, resignificá-los, rechaçá-los, abrandá-los ou ainda estabelecer, com eles, uma relação de coexistência. Nessa linha de pensamento, ainda é possível observar que, nos discursos, existem processos de retomada (INDURSKI, 2013) que não necessariamente são claros, mas que resgatam certos padrões ideológicos para construir seus textos.

A inquietação que nasceu diante da observação dos rótulos de produtos de embelezamento capilar dialoga diretamente com a consciência que o analista do discurso tem de seu papel como ser social, sendo, portanto, fundamental considerarmos que

para os analistas críticos do discurso, é fundamental a consciência explícita de seu papel na sociedade. Dando continuidade a uma tradição que rejeita a possibilidade de uma ciência ‘não valorativa’, os analistas críticos argumentam que a ciência e, em particular, o discurso acadêmico não apenas são parte inerente de uma estrutura social, mas também são por ela influenciados, além de serem produzidos na interação social. Em vez de negar ou ignorar essa relação entre conhecimento acadêmico e a sociedade, os analistas críticos do discurso defendem que tais relações sejam estudadas e explicadas por si mesmas e que as práticas acadêmicas sejam fundamentadas a partir desse entendimento. A formulação, a descrição e a explanação de teorias, também na análise do discurso, são sociopoliticamente ‘situadas’, quer gostemos disso ou não. Dessa forma, a reflexão acerca do papel dos acadêmicos na sociedade e na *polis* transforma-se em uma parte inerente da tarefa proposta pela análise do discurso. Isso talvez signifique, entre outras coisas, que os analistas do discurso orientam suas pesquisas em solidariedade e cooperação com os grupos dominados (VAN DIJK, 2008, p. 114).

Com base nessa assertiva, compreendemos que a análise dos rótulos em questão não apenas se enquadra em uma perspectiva discursiva do ponto de vista acadêmico, mas tem, por objetivo principal, apontar para noções que embasam: i) a necessidade de valorização de cabelos cacheados como rompimento de um padrão de beleza dado, com [re]afirmação da beleza dos cachos, em uma tentativa de quebra dessa hegemonia de beleza; e/ou ii) a demanda do controle desses cachos em uma extensão ainda por ser verificada, mas que se relaciona com uma relação

de coexistência com cabelos lisos, sendo estes aceitos como padrão. Assim, se, de um lado, vemos uma construção discursiva inclinada ao prestígio dos cachos, de outro, vemos certa tendência à limitação deles. Ambas as construções discursivas observadas neste trabalho, porém, parecem recuperar, cada uma à sua maneira, as questões de padronização da beleza, para, então, questioná-las ou modalizá-las.

Por meio de algumas considerações teórico-metodológicas, procuraremos, então, refletir sobre como os rótulos representam os cabelos cacheados e quais são as implicações discursivas disso, ou seja, trataremos das qualificações desses cabelos por meio de questões que perpassam a interdiscursividade. Antes, porém, é importante que tenhamos alguns comentários breves sobre a ADC e sobre a prática discursiva sob o escopo da disciplina.

Discurso como prática social: o lugar de onde partem nossas perspectivas discursivas sobre os rótulos de produtos capilares

Tomando o discurso não somente como uma composição linguística de ordem significativa, mas como uma prática social, a ADC é um campo “fundamentalmente interessado em analisar relações estruturais, transparentes ou veladas, de discriminação, poder e controle manifestas na linguagem” (WODAK, 2004, p. 25). Dessa maneira, por ter caráter social, a ADC é uma área vasta no sentido de consideração à diversidade das práticas sociais que colocam em jogo diferentes modelos interpretativos (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). É por isso que é importante considerar a disciplina como uma área que “almeja investigar criticamente como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada, e assim por diante, através do uso da linguagem (ou no discurso)” (WODAK, 2004, p. 25).

Essas questões sobre a maneira como a ADC encara seus objetos de análise nos remetem à importância de tomar o discurso sob um paradigma de prática social que chama a atenção para temáticas que aviltam, de alguma maneira, certos sujeitos sociais, sujeitos esses que estão sob o escopo do domínio e de uma hegemonia que os oprime e faz desvanecer seu brilho e valor. Como nos assegura Van Dijk (2008),

a Análise Crítica do Discurso é um tipo de investigação analítica discursiva que estuda principalmente o modo como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade são representados, reproduzidos e combatidos por textos orais e escritos no contexto social e político. Com essa investigação de natureza tão dissidente, os analistas críticos do discurso adotam um posicionamento explícito e,

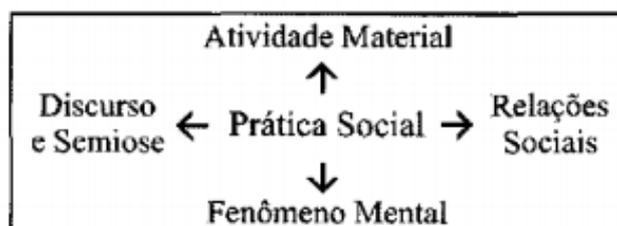
assim, objetivam compreender, desvelar e, em última instância, opor-se à desigualdade social. (VAN DIJK, 2008, p. 113).

É por esse embasamento crítico, social e discursivo que compreendemos a construção discursiva dos rótulos dos produtos analisados como práticas discursivas que partem de certo padrão de beleza e a necessidade de refutá-las e/ou amenizá-las. Corroborando nossa proposta em ADC,

o discurso é visto como o uso da linguagem como forma de prática social, implicando em modo de ação e modo de representação. Estabelece-se uma relação dialética entre discurso e estrutura social: *discurso* é uma prática tanto de representação quanto de significação do mundo, constituindo e ajudando a construir as identidades sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crenças (MAGALHÃES, 2001, p. 17).

Assim, levando em consideração que o uso da linguagem em prática social se constitui discurso que, por sua vez envolve relações sociais, fenômenos mentais e atividades materiais, tomamos como base para essa compreensão o quadro de Resende e Ramalho (2006, p. 39), que nos auxilia:

Figura 1 – Momentos da Prática Social



Fonte: Resende e Ramalho (2006, p. 39).

Embora não tenhamos espaço para abordar de forma aprofundada as atividades materiais e os fenômenos mentais que envolvem a prática social, é imprescindível que levemos em consideração que essa prática demanda a necessidade do discurso e das relações sociais, como já dissemos. Assim, ao interpretarmos e/ou produzirmos um texto, estamos ativando todos esses elementos e corroborando a união desse movimento em uma atividade holisticamente social. Dessa forma, acreditamos que

A prática discursiva é a dimensão do uso da linguagem que envolve os processos de produção, distribuição e consumo dos textos, sendo variada a natureza desses processos dentre os tipos diferentes de discurso e de acordo com os fatores sociais. [...] A prática social é a dimensão relacionada aos conceitos de ideologia e poder:

o discurso é visto numa perspectiva de poder como hegemonia e de evolução das relações de poder como luta hegemônica. (MAGALHÃES, 2001, p. 17).

Esse diálogo entre as noções linguísticas e sociais nos interessa de perto neste trabalho visto que nosso objeto de estudo se volta justamente para isto: uma atividade comum, qual seja, cuidar dos cabelos, que se encontra diretamente com a construção linguístico-discursiva de rótulos de produtos destinados a essa prática.

Esses rótulos têm base, constitutivamente, em lutas de reconhecimento de tipos de beleza não padrão, que podem se relacionar à problematização da hegemonia de um paradigma de beleza. Ao fazer escolhas lexicais para a confecção do texto que constituirá o rótulo de seu produto, o enunciador ativa a memória coletiva de determinado padrão de beleza fazendo, assim, com que uma gama de possibilidades interpretativas se coloque à disposição de seu destinatário. Como sabemos, esses paradigmas de cabelos não cacheados e/ou lisos domina(ra)m, por muito tempo, o imaginário do belo na coletividade. Em uma abertura a questionamentos para transformação social, especialmente no que tange a esse assunto, os produtos começam a tratar de tipos capilares diversos em reconhecimento à sua contribuição na diversidade da sociedade.

A ADC traz um aporte reflexivo muito significativo: a hegemonia (dos padrões de beleza, no caso) acaba por ter foco instável e, por meio de lutas que consideram essas questões, pode ser questionada e problematizada sob o ponto de vista de uma sociedade mais justa, até mesmo em detalhes antes não tomados como fundamentais, como é o caso do cuidado com os cabelos. Esse questionamento desestabiliza essas relações de poder e traz à tona a tentativa de uma sociedade mais versátil. Dessa maneira, as relações de subordinação passam a ser colocadas em xeque para que a transformação desejada comece a tomar forma.

Nessa perspectiva, acreditamos ser válido trazer essa visão de discurso para nossa discussão, de modo a demonstrar, ainda que brevemente, que reflexões como as que propomos aqui se encaixam nas preocupações da ADC e, para além disso, demonstrar o intenso arcabouço epistemológico e social que envolve os estudos da disciplina. Com base nas noções que ancoram este trabalho, partamos para a análise que pretendemos apresentar.

Rótulos de produtos capilares e elementos interdiscursivos

Com base nas reflexões que propusemos acima como ancoragem teórica e como ponto de partida, procuraremos apresentar os rótulos que observamos para, então, analisarmos, sob o escopo de um elemento de análise bastante importante em nosso trabalho, a saber, a interdiscursividade. A temática deste trabalho, como já dissemos acima, concentra-se na forma como são construídas as discursividades em dois rótulos de produtos capilares para cabelos cacheados, os produtos Novex – Meus Cachos de Cinema e OX – Cachos Controlados.

Os rótulos desses produtos evocam uma série de possibilidades interpretativas que ativam memórias, valorizando e/ou modalizando a representação dos cabelos cacheados. Esse tipo de observação nos levou a encontrar um lugar de relevância nos estudos discursivos críticos, uma vez que, sob a forma de um rótulo, muitos preconceitos vêm à tona. Em outras palavras, questões memoriais coletivas são ativadas nessas construções discursivas, o que nos leva a compreender que, de um lado, os cabelos cacheados são elogiados e, de outro, mesmo não havendo elementos que desencorajem o uso deles, certa condição de resignação pode ser observada.

Levando em consideração esses tópicos de discussão e insistindo nas questões de recuperação da memória de um paradigma de beleza, ressaltamos a interdiscursividade como elemento fundamental de análise ancorado na obra de Resende e Ramalho (2011), influenciada pelo modelo faircloughiano de análise de discurso crítica. Assim, os itens apresentados direcionam nossos olhares, tanto aos próprios rótulos, como para os possíveis desdobramentos interpretativos.

Figura 2 – Foto do rótulo do produto OX – Cachos Controlados



Fonte: Jackie Makeup & Beauty, 2015.

Elaborado em uma cor fria, o rótulo de OX – Cachos Controlados tem como principal temática o controle dos cachos, sugerindo que eles podem se tornar incontroláveis em caso de não utilização do produto, ou em um desdobramento interpretativo mais agressivo: a sugestão de que os cabelos cacheados são rebeldes por natureza, tendo, por imposição, o uso de artefato disciplinador. A problemática se levanta, no entanto, dentro de um paradigma que enaltece os cabelos cacheados sob uma condicionante relevante: desde que estejam controlados. Dessa maneira, a construção discursiva do rótulo pode implicar, durante o processo interpretativo, que os cachos de cabelos fogem à norma do padrão de beleza, mas são toleráveis, haja vista que um produto fora especificamente elaborado para a contenção deles.

A parte do verso do rótulo não nos chama a atenção de modo decisivo, a não ser pelo destaque em tarja mais escura com os dizeres “cachos controlados”. Como se sabe, o ato de controlar tem a ver com um exame de vigilância, normalmente, restrito, o que sugere determinada negação da natureza dos cabelos não lisos, recuperando, possivelmente, a ideologia dominante da beleza dos cabelos lisos e de questões de rebeldia que devem ser refreadas.

Nesse aspecto, retomamos a noção de interdiscursividade ancorada em Resende e Ramalho (2011), pois podemos ver articulados diferentes aspectos discursivo-ideológicos nesse rótulo. É bastante interessante observar aqui que a própria vertente francesa da análise do discurso também convoca a interdiscursividade como noção bastante importante na construção dos discursos. Maingueneau (2005) dedica um espaço grande de sua obra discutindo a importância da articulação de diferentes discursos para a interpretatividade e a produção dos textos. Além disso, de acordo com Possenti (2003, p. 140),

sob diversos nomes – polifonia, dialogismo, heterogeneidade, intertextualidade – cada um implicando algum viés específico, como se sabe, o interdiscurso reina soberano há algum tempo. (POSSENTI, 2003, p. 140).

Dessa forma, podemos ver que um discurso tímido de valorização condicional do cabelo cacheado se articula, em alguma medida, com discursos paradigmáticos que fazem emergir a necessidade de um comedimento de tipos de cabelo. Acreditamos também que a escolha lexical que se relaciona ao controle e à definição, ainda que dê margem ao reconhecimento de tipos capilares bastante diversificados, sustenta que tipos de cabelos como os cacheados implicam maiores cuidados.

Por outro lado, o produto Novex – Meus Cachos de Cinema tem uma apresentação mais complexa e diferente:

Figura 3 – Foto do rótulo do produto Novex – Meus Cachos de Cinema



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Esse rótulo nos é apresentado de maneira mais elaborada do que o primeiro. Construído sobre uma cor vibrante e quente, está recheado de elementos semióticos que nos remetem à temática hollywoodiana, desde as luzes que remontam a um camarim até a forma de rolo de filme que encontramos na parte frontal do rótulo. O verso do rótulo aparece com representações lúdicas e com interdiscursividade perceptível, uma vez que se assemelha ao roteiro de um filme com elementos lexicais que levam a essa temática. Além disso, uma mulher é ilustrada com cabelos cacheados na lateral direita do texto, que ilustra o modo de usar do produto².

Algumas escolhas lexicais neste rótulo corroboram a nomeação que foi dada ao produto. Ao utilizar a designação “de cinema”, além de ativar a memória hollywoodiana de atrizes famosas e reconhecidas por sua beleza, ainda reforça a representação de atriz que a mulher que faz uso do produto deve ter. Assim, podemos ver articulados alguns discursos: o do próprio rótulo em relação ao cuidado com os fios e o discurso que materializa a memória dos artistas de cinema, que têm uma vida glamorosa. De acordo com Resende e Ramalho (2011), ancoradas em Fairclough,

a interdiscursividade é, em princípio, uma categoria representacional, ligada a maneiras particulares de representar aspectos do mundo. Discursos particulares associam-se a campos sociais, interesses e projetos particulares, por isso podemos articular discursos particulares a determinadas práticas. É possível identificar diferentes discursos observando as diferentes maneiras de ‘lexicalizar’ aspectos do mundo. (RESENDE E RAMALHO, 2011, p. 142).

²Como dissemos, neste trabalho nos ocuparemos de pensar somente nas noções de interdiscursividade, mas elementos imagéticos são bastante interessantes e podem ser retomados em análises futuras.

Dessa forma, ao articular questões memoriais de cunho glamoroso com tipos de cabelo normalmente preteridos por determinado padrão de beleza, que é questionado e colocado à prova, o enunciador consubstancia discursos, significativamente, de modo a construir um posicionamento que tenda à valorização do cabelo cacheado. Essa assertiva pode ser corroborada, por exemplo, com a frase “Você é a estrela”, localizada na esquerda superior da parte frontal do produto.

Outra corroboração desse aspecto interdiscursivo do texto, especialmente focando nossas observações na parte frontal do rótulo, encontra-se na representação do rolo de filme na parte inferior. Palavras que se relacionam com o discurso cinematográfico podem ser observadas em trechos, como: i) “ESTRELANDO: 6 puríssimos óleos e manteiga de karité”; ii) “Você acha que cuidar dos cachos é coisa de FICÇÃO? Pra eles não ficarem um TERROR, não precisa fazer DRAMA”; e iii) Entre em AÇÃO com Novex Meus Cachos de Cinema e se prepare para viver um lindo ROMANCE”³. Escolhas lexicais como essas, principalmente as que se encontram em caixa alta, recuperam, intuitivamente, a memória do discurso cinematográfico. Além disso, ainda se pode observar que a representação dos cabelos cacheados ganha tom de positividade quando do uso do produto.

Assim, como em uma força que procura convencer a consumidora, o rótulo, especialmente no que tange a “Você acha que cuidar dos cachos é coisa de FICÇÃO? Pra eles não ficarem um TERROR, não precisa fazer DRAMA”, designa os cachos que não utilizam o produto de modo negativo, condicionando a ação do leitor do rótulo ao uso do produto: usá-lo significa viver um romance com os cabelos, ao passo que não usá-lo significa viver um filme de terror. Essa é uma problemática que pode ser levada em consideração, pois podemos observar certa desvalorização do cabelo, a menos que um produto como Novex seja colocado em uso.

Dessa forma, a beleza e a valorização do cabelo estão subordinadas ao uso de um produto que se apresenta como adequado. Uma escolha lexical que ainda corrobora essa ideia é a que circunda o texto de “Você acha que cuidar dos cachos é coisa de FICÇÃO?”, ou seja, a recuperação de uma memória que constrói o cabelo cacheado como um tipo capilar de difíceis cuidados para, logo após, mostrar que, por intermédio do uso do produto, é possível cuidar desse tipo de cabelo obtendo bons resultados. É importante observar também que a própria escolha do substantivo “ficção”, assim como outros que designam tipos de filmes, relaciona-se interdiscursivamente com o discurso cinematográfico.

³ Os destaques em caixa alta são do próprio rótulo.

Compreendemos que as ancoragens epistemológicas da ADC divergem, em alguns aspectos, da Análise do Discurso de linha francófona, mas acreditamos que um diálogo entre as duas disciplinas seja possível neste momento, principalmente, no que tange ao processo comunicativo-discursivo do verso do rótulo do produto Novex. Por isso, sugerimos a noção de cenografia de Maingueneau (2015). Para o autor, “a noção de cenografia se apoia na ideia de que o enunciador, por meio da enunciação, organiza a situação a partir da qual pretende enunciar” (MAINGUENEAU, 2015, p. 123). Embora o autor esteja sob a metáfora do discurso como uma encenação social e nós estejamos aqui ancorados no discurso como prática social, a noção de que o locutor organiza o discurso com base na situação em que pretende se comunicar pode dialogar com a maneira como o verso do rótulo foi construído: ele se assemelha a um roteiro de cinema em que diretrizes são dadas para uma atriz, neste caso, a mulher que utiliza o produto. Em outras palavras, o modo de utilização desse produto é construído por meio de uma cenografia que se articula com um roteiro, o que, mais uma vez, corrobora a questão interdiscursiva do rótulo. Assim, podemos observar que o texto no verso do rótulo é dividido em duas cenas e cada uma delas é constituída por elementos lexicais que recuperam a memória do discurso cinematográfico.

O texto do verso do rótulo se inicia logo após a apresentação do nome do produto com o seguinte enunciado: “Silêncio no banheiro... Luz, câmera, ação!” Logo após, a primeira cena é descrita com os seguintes elementos: “Cena 1: Modo de usar”, “Cenário: o seu banheiro”. Para além de elementos sintáticos que deverão ser analisados em outros trabalhos, podemos observar que determinadas escolhas lexicais ainda recuperam e corroboram nossa hipótese de que o discurso cinematográfico tem relação com o discurso sobre os cabelos.

Dessa forma, destacamos também o seguinte enunciado: “Enluve cuidadosamente as mechas espera 3 minutos para enxaguar e está pronta para atravessar o tapete vermelho”, em que a expressão “tapete vermelho” faz alusão direta à premiação do *Kodak Theatre* conhecida como *Oscar*; mais uma contribuição para a interdiscursividade que se encontra no produto, uma vez que se sabe que o tapete vermelho de Hollywood é frequentado por celebridades.

Na segunda parte do verso do rótulo, constitui-se a “Cena 2: Você poderosa arrasando”, “Cenário: rua, trabalho, festa ou onde você estiver”. Nesta parte do texto, observamos que o roteiro descreve uma mulher realizada e bonita. Expressões colocadas em negrito no texto corroboram essa ideia: “linda”, “perfume maravilhoso”, “macios”, “hidratados”, “sedosos e cheios de vida”, “brilho que irradia”, “confiante” e “poderosa”. Essas expressões parecem ser uma boa maneira de concluir o roteiro nessa cenografia discursiva que constrói o rótulo em articulação com um tipo de texto⁴

⁴ Optamos por não nos ater a questões de gênero discursivo/textual neste trabalho.

do domínio cinematográfico, pois confere, à consumidora do produto, uma caracterização positiva, representando-a de modo otimista ao compará-la a uma atriz de cinema.

Essas observações sobre a interdiscursividade nesses textos de rótulos de produtos capilares levantam uma discussão bastante relevante do ponto de vista da ADC, visto que podemos levar em consideração discursos potencialmente significativos na perspectiva ideológica e memorial. Isso porque, se, de um lado, recupera-se uma memória de padrão de beleza traçando com ele uma relação de controle de cachos de cabelos que não se encaixam nesse padrão, de outro, podemos ver toda uma construção discursiva que retoma o *glamour* da vida de famosos de cinema, na tentativa de caracterizar, positivamente, o uso de cachos. Essa interdiscursividade é item elementar para dar início à análise mais acurada das questões ideológicas, discursivas, de relações de poder e de hegemonia que se fazem presentes nesses rótulos de produtos que, discursivamente falando, são tomados neste trabalho como constitutivos da prática social.

Considerações finais

Este trabalho ocupou-se de resgatar questões interdiscursivas que se relacionam com a memória de um padrão de beleza de cabelo não cacheado, ou liso, muito popularizado na sociedade em dois rótulos de produtos capilares, que se constroem discursivamente em resgate desses valores para refutá-los, corroborá-los ou estabelecer relação de sujeição com eles, ainda que não em totalidade. Nossas conclusões se baseiam na direção de que a interdiscursividade se dá, tanto no resgate dessa memória, como na alusão ao discurso cinematográfico em relação à valorização da mulher que tem cachos e que faz uso dos produtos.

Além disso, acreditamos que a questão da interdiscursividade perpassa os rótulos analisados de modo constitutivo, daí a importância de estudá-la inicialmente, mesmo antes que outras categorias analíticas sejam propostas em uma pesquisa mais acurada sobre o empoderamento de mulheres cacheadas. Ou seja, concluímos que essas noções interdiscursivas que resgatam discursos e memórias para a construção de uma ideologia que visa a quebrar alguns paradigmas de beleza devem ser consideradas cuidadosamente, pois se relacionam diretamente a temáticas que se ocupam de apontar para injustiças sociais, questões de empoderamento feminino, de estudos feministas.

É importante, no entanto, levantar algumas questões que podem servir de sugestão para pesquisas futuras em relação ao assunto. Assim, devemos atentar para o fato de que parte do verso do rótulo do produto Novex não fora analisada e pode constituir mais uma corroboração

para a questão da intertextualidade, qual seja, aquela que diz respeito à composição e a precauções em relação ao uso do produto, que também é constituída de escolhas lexicais que remetem ao discurso cinematográfico. Além disso, questões sobre genericidade discursiva não foram levantadas neste artigo, ou seja, a análise da estrutura genérica, que pode corroborar as questões memoriais e as práticas sociais levantadas neste trabalho pode ser levada a cabo em próximas análises. Assim, sugerimos ancoragem em noções faicloughianas sobre estrutura genérica, como podemos encontrar em Resende e Ramalho (2011), por exemplo. Para as autoras, “como modos relativamente estáveis de agir e de se relacionar em práticas sociais, gêneros discursivos envolvem diretamente atividades, pessoas e linguagem” (RESENDE; RAMALHO, 2011, p. 126).

Essas questões são bastante interessantes, especialmente se levarmos em conta como um rótulo é construído discursivamente de modo a fazer girar a grande roda social da qual o discurso se constitui. É, portanto, uma categoria de análise que deve ser levada em consideração em estudos posteriores para que a pesquisa seja ainda mais específica e possa confirmar algumas das noções que observamos na categoria da interdiscursividade, bem como levantar outras que compõem as relações de poder em sociedade.

Observações sobre elementos semióticos, como imagens, foram brevemente apontadas aqui, todavia, podem fazer parte de uma análise mais verticalizada de rótulos de produtos para cabelos e serem observadas com maior veemência dadas as suas significações e representações. Um exemplo disso é a representação da mulher usando o produto e o modo como ela é artisticamente representada no resultado final do tratamento com Novex. No rótulo de Ox, elementos como cores e tarjas podem também ser levados a cabo em uma análise mais voltada a elementos imagéticos.

Os valores, em termos do que é desejável ou indesejável, são itens que podem ser observados em análises futuras, pois o modo como esses valores são colocados no texto, a afetividade com que são realizados e o comprometimento do autor demonstram o interesse que este tem em relação à afirmação de empoderamento dos cabelos não lisos, portanto, a categoria da avaliação pode, de igual maneira, servir aos ideais de ADC, demonstrando o compromisso social da disciplina por meio dessa temática. É claro que a extensão dessas categorias depende do enfoque em que cada um dos trabalhos se concentra, porém, nosso esforço aqui se dá em propor possibilidades analíticas para uma temática bastante significativa do ponto de vista do comprometimento social, ou seja, falar em cabelos não lisos toca em um ponto nevrálgico das questões hegemônicas e raciais.

Também chamamos a atenção para o processo de nomeação dos cabelos. A escolha lexical que designa o cabelo do público-alvo do produto como “cacheado” e a representação da mulher chamam a atenção para a diversidade dos cabelos cacheados, ondulados e crespos. Onde fica o limite para cada um desses tipos de cabelo? Assim, há que se verificar se o resgate de padrões de beleza para refutação ou relação de coexistência envolve noções de hegemonia e de poder sobre a construção discursiva desses rótulos.

Como reflexão, é possível, em pesquisas posteriores, que questionemos e respondamos, por exemplo, a perguntas como: a escolha de designações para tipos de cabelo retrata as relações de poder nas práticas sociais? Podemos resgatar questões de preconceito nesses rótulos? Até que ponto a tentativa de valorização do cabelo não liso sofre influência da memória e do discurso dos padrões de beleza da mulher? Desdobramentos para produtos de beleza da pele, de beleza do corpo com produtos emagrecedores, com suplementos alimentares podem ainda ser considerados nessa perspectiva. Por isso, acreditamos que o estudo de assuntos relacionados à representação da beleza, em especial, da mulher, é um campo muito profícuo para a Análise de Discurso em todas as suas vertentes.

Referências

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

INDURSKI, Freda. O trabalho discursivo do sujeito entre o memorável e a deriva. *Signo y Señal*. Buenos Aires, n. 24, p. 91-104 dez. 2013.

JACKIE MAKEUP & BEAUTY. *Oxcolágeno cachos controlados shampoo e condicionador*. 9 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.jackiemakeup.com.br/ox-colageno-cachos-controlados/>>. Acesso em: 2 set. 2018.

MAGALHÃES, C. M. A análise crítica do discurso enquanto teoria e método de ensino. In: _____ (org.). *Reflexões sobre a análise crítica do discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. POSSENTI, S (trad.). Curitiba: Criar Edições, 2005.

MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.

POSSENTI, S. Observações sobre interdiscurso. In: 5º encontro do Celsul. *Anais de Congresso*. Curitiba, 2003.

RESENDE, V.; RAMALHO, V. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

RESENDE, V.; RAMALHO, V. *Análise de discurso (para a) crítica*: o texto como material de pesquisa. Campinas: Pontes Editores, 2011.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

WODAK, R. *Do que trata a ACD*: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. *Linguagem em (Dis)curso*. LemD, Tubarão, v.4, n. esp., 2004.